

## **A AÇÃO EDUCATIVA DO ILÊ AIYÊ: REAFIRMAÇÃO DE COMPROMISSOS, RESTABELECIMENTO DE PRINCÍPIOS.**

Elias Lins Guimarães (UESC)

Nosso trabalho discute o processo educativo da Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê considerando, por um lado, sua historicidade enquanto movimento social no âmbito das lutas pela ampliação dos espaços de participação política e de apreensão simbólica de sujeitos não hegemônicos na sociedade brasileira e, particularmente na Bahia, e por outro, refletindo sobre o imenso legado africano, incorporado ao seu discurso que, apesar de desconhecido pela maioria da população e desprezado pela cultura oficial, é de uma riqueza imensa de saberes, valores e princípios fundamentais para o desenvolvimento político, social, cultural, religioso e educacional do ser humano.

O pressuposto central que baliza nosso estudo é o reconhecimento da luta do Bloco Ilê Aiyê pela vivência de uma prática educativa que leva em consideração uma pluralidade de linguagens, as quais buscam a construção de um saber e um corpo de conhecimento integrado aos diversos setores da vida humana (o vivencial, o étnico, o histórico e o cultural), visando a construção da pessoa mediante a reelaboração de atos reflexivos desta consigo mesma. E são essas práticas pedagógicas que mostram como a própria pessoa vai incorporando o sentir-se negro, o orgulho de ser negro e a necessidade da luta para afirmar-se como pessoa e negra numa sociedade que discrimina e nega o diferente.

Uma das razões que nos mobilizaram a investigar o trabalho do Ilê foi, exatamente, o desafio de perscrutar novas trilhas teóricas que pudessem ampliar as possibilidades de interpretação e compreensão de como os movimentos sociais e, no caso o Ilê como Movimento Negro, trazem novas questões e novas perspectivas pedagógicas resultantes da interação de projetos educativos desenvolvidos coerentes como a necessidade de emancipação de quem não é hegemônico no plano político. Construída historicamente com profundos vínculos com a cultura e a tradição ancestral, a vivência do Ilê promove processos pedagógicos onde o confronto com o outro diferente possibilita a elaboração da própria identidade do afro-brasileiro.

Por outro lado, acreditamos ser de suma importância analisar como a sedimentação do discurso do Movimento Negro traz em si um conteúdo educativo que aposta na sedimentação de valores de resistência e referência ao processo de dominação cultural, e

como este discurso se expressa nos contextos socioeducativos construídos pela comunidade do afro-descendente a partir de elementos da ‘cultura negra’. Portanto, compreender as teias de relações que se estabelecem dentro de um contexto pedagógico, a partir do reconhecimento deste como um espaço constituído de sujeitos socioculturais é dimensioná-lo como espaço de diversidade étnico-cultural. Para tanto, é significativo reconstruir o autoconhecimento do ser negro, ou seja, afirmar a humanidade do povo negro além daquela moldura de noções distorcidas, que reforçam mutuamente a raça, a classe e o gênero, e que seja apregoado o despertar de sua consciência e de sua luta contra o preconceito e o racismo que distorcem a própria essência e tanto reduzem o potencial do ser humano dentro da sociedade. Desse modo, o que procuramos ao estudar o Ilê Aiyê foram os estilos, as figuras de linguagem, os cenários, os mecanismos narrativos, as circunstâncias históricas e sociais, o esforço empreendido para a correção da representação construída sobre o ser negro ao longo da nossa história. Com efeito, na análise empreendida, o caráter produtivo do discurso estende-se à noção de representação, em que a mesma não é simplesmente constituída de signos que expressam as coisas que supostamente representa, ela cria sentido.

Apresentando o Ilê: o mais belo dos belos pede passagem

A Associação Cultural Bloco Carnavalesco Bloco Ilê Aiyê nasce com um propósito de libertação e conscientização, construção de identidades, enaltecimento de auto-estima negra, enfim, construção da cidadania e da pessoa negra. É uma entidade que retoma o Movimento Negro nos anos 70 depois das ações dos anos 20, 30 e 40, que através do discurso do protesto se interroga sobre as razões sócio-históricas da continuidade da condição *inferior* e *subalterna* da população negra, sendo criadas várias associações e entidades.

A origem dos grupos negros na Bahia, dos afoxés aos blocos afros, tem uma relação direta com comunidades de bairros, com raízes religiosas, sendo historicamente construídos seus instrumentos de intervenção cultural e econômicos e suas influências poético-musicais de sua arte, mediante uma ideologia que veicula o reviver e a reatualização de uma memória ancestral no presente. É por demais conhecido o quanto o Movimento Negro no Brasil possibilitou a criação de associações voluntárias e instituições negras bem como a emergência de um discurso político-cultural. Assim sendo, nosso interesse recai sobre a singularidade de um acontecimento particular, ou

seja, a *práxis pedagógica*<sup>1</sup> do Ilê Aiyê tendo em vista o papel emblemático em concretizar ações político-culturais no contexto das desigualdades raciais.

A formação do Ilê Aiyê insere-se no conjunto dos movimentos sociais de sujeitos não hegemônicos no contexto da sociedade brasileira, emprestando um sentido novo ao cotidiano das relações sociais e raciais. Propondo uma postura nova para o carnaval da Bahia cuja característica principal era a exaltação do *jeito negro de ser*, sedimenta um trabalho político-cultural cujas ações se caracterizam como luta contra o racismo e a discriminação conjugando vontades, interesses, apropriação de espaços, postura de resistência consciência e valorização do ser negro. No contexto de luta e apropriações simbólicas, sua história vai sendo construída mostrando que algo novo emergia e irrompia na cena pública da Cidade do Salvador. Discutindo a afirmação da consciência de ser negro e essa afirmação passa por uma “busca de historicidade para definir identidade e de (re)descoberta e valorização do ‘jeito de ser’”(Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê- Material de Divulgação s.d), o Ilê passa a ser visto pelas suas linguagens, pelo seu tema e valores que professava, pelo lugar onde se manifestava, pelo discurso que institucionalizava, indicando a emergência de nova identidade coletiva com visibilidade pública (Sader, 1988).

De um modo geral, podemos afirmar que, nos últimos anos, os novos movimentos sociais no Brasil e, especificamente em Salvador, originam-se de um longo processo de modificações operadas na economia e na sociedade. No contexto da mudança social, a socialidade da juventude baiana afro-descendente urbana de Salvador foi orientada de sua região social para o campo étnico, através do bloco afro, passando a cultura ser vista como ideologia e política, não somente como movimento de preservação de raízes na construção da identidade do ser afro-descendente (Bacelar, 1989).

Como consequência dessa redefinição, a luta por galgar melhores posições nas relações de trabalho, pela educação e pelo direito de exercício de sua cidadania, pela liberdade de expressão cultural e simbólica e pelo engajamento no movimento negro político, possibilitou aos atores sociais repensarem sua etnicidade.

Ao adentrar no cenário político-cultural de Salvador, o Ilê Aiyê estabeleceu um outro patamar de reivindicação de novos direitos no âmbito do enfrentamento político e, diante das interpelações da matriz dominante, recorreu às matrizes discursivas da

---

<sup>1</sup> O conceito de *práxis pedagógica* é compreendido como a relação entre sujeitos, mediatizada por uma dupla relação sujeito-objeto, imersa no espaço-tempo histórico (Serpa, 1991).

resistência para repensar o cotidiano da população afro-descendente, inaugurando um processo de ‘reafricanização’ do carnaval desta cidade (Risério, 1981).

Assim, deixa marcas visíveis de seu papel em nossa sociedade em termos de uma proposta de organização e conscientização do afro-brasileiro e de uma propositura para o estabelecimento de novas relações sociais. A experiência cotidiana entre o mundo objetivado e o espaço da subjetividade possibilitou ao afro-brasileiro a busca de um significado social mais profundo sobre a problemática racial e os entraves que a sociedade lhes estabelece definindo como “estratégia e palco de ação a festa do carnaval”(Araújo,1996:81).

Ao se constituir como sujeito coletivo, revelando a imagem viva da afirmação de um grupo social excluído, chamava atenção para a redefinição de significados que começavam a ser valorizados como expressão de resistência, autonomia e criatividade politizando espaços e discursos antes silenciados, abrindo espaços para que outras entidades de feição estético-recreativa surgissem e atuassem de forma semelhante O que se observa é uma revalorização de sujeitos sociais pensados como senhores de suas próprias ações no âmbito da realidade sociopolítico e cultural da Bahia, com implicação direta na alteração de comportamento, isto é, na maneira de ser, viver e representar-se. Neste sentido, há uma elaboração cultural das necessidades, o que permite que essa revalorização se inscreva num conjunto de práticas que podem ser identificadas como luta para obtenção de bens materiais e simbólicos, assim como serviços que satisfaçam suas necessidades de reprodução enquanto grupo. A maneira como obtém esses bens e a importância a eles atribuída tem a ver com a forma pela qual o Bloco articula objetivos a valores e orienta ações que dão sentido ao grupo. Depende, em verdade “das experiências vividas e que ficaram plasmadas em certas representações que ai emergiram e se tornaram formas de o grupo se identificar, reconhecer seus objetivos, seus inimigos, o mundo que o envolve”(Sader, 1988:44). Assumindo, portanto, um papel de crucial importância, o Ilê diante dessa realidade desafiante, faz a opção, no decorrer de suas atividades, por buscar as condições para consolidar essa conscientização mediante um processo educativo. Embora o discurso sobre a identidade étnica não fosse assumido com amplitude suficiente pela maioria do afro-descendente, começa a trabalhar o foco desse alheamento através do repensar da história oficial, da preservação de valores, a exemplo dos religiosos, do resgate da auto-estima e, desta forma, procurando mudar a postura dos indivíduos em relação à sociedade, a sua

inserção social e, notadamente, a assunção de comportamentos e atitudes que os referenciam enquanto afro-brasileiros.

Na verdade, essa ação representa, no projeto pedagógico do Ilê, a aguerrida e paciente reconstrução conceptual das categorias que fazem parte da representação eurocêntrica do mundo, materializando, em uma educação informal, lúdica, espontânea, uma práxis educativa singular em si mesma, mas de tipo diferente de outras práticas institucionalizadas.

Torna-se impossível pensar o Ilê Aiyê somente como protagonista de um movimento reivindicatório, descartando ou abstraindo as formas através das quais expressam seu universo cultural e simbólico, pois é de fundamental importância a especificidade da dinâmica do Bloco na efetivação de um aprendizado através da exploração lúdica da realidade e a forma como os participantes se apóiam nesta dinâmica para afirmar suas identidades, sua cultura.

Passando a fazer política através do cultural, inova experiências de outras organizações negras e imprime a sua prática uma verdadeira produção e transmissão de conhecimento e saberes. Persegue, sobretudo, um trabalho de conscientização, de auto-estima, de reflexão crítica, de educação e socialização sobre outra base ética, enfim, sedimenta ações que valorizam o ser negro e as diferenças. O resultado dessa sedimentação é a ampliação do espaço de sociabilidade e de ação social e política de sujeitos coletivos reivindicando direitos. A sociabilidade fundada na solidariedade e na consciência étnica, que ao poucos foi sendo criada, possibilitou a esses sujeitos criar sua própria cena através de sua própria ação e, com isso, assegurar visibilidade social e cultural e a territorialização de alguns espaços públicos.

Como uma organização de base popular que reivindicava o lazer, o Bloco nasce “como resposta de ”jovens negros de batalha’(trampo) que gostavam de se divertir e que não tinham acesso às formas de lazer dos [jovens] de qualidade” (Associação Cultural Bloco Ilê Aiyê- Material de Divulgação s.d.) Chamava-se *Zorra*. Era um grupo de jovens afro-descendente do Curuzu-Liberdade, que promovia atividades culturais e recreativas no próprio bairro, dando origem a primeira diretoria do Ilê Aiyê. E, na feição estético-lúdica, já comportava um projeto político, a valorização do negro e a afirmação de identidade. Reflexo de uma longa luta de organizações negras vivenciada pela sociedade brasileira, inclusive pelos seus direitos às práticas religiosas, ao lazer e entretenimento, este grupo de jovens operários afro-descendentes organiza a entidade através de uma prática de busca da historicidade do afro-descendente, ou seja, “primeiro, daqueles que

se sentem negros; depois dos que precisam saber que são negros; em seguida dos que necessitam de um “empurrãozinho” para saber o ‘nível da melanina “[pois] embora se possa pensar que a construção é meramente epidérmica, ela tem, subjacentemente, a vinculação de ‘uma forma de ser’ (entendida como cultura) com o tom de pele” (Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê-Material de Divulgação s.d), ‘jovens negros de batalha’ foram se reunindo em torno do objetivo de lazer, de diversão procurando vivenciar e enaltecer sua ancestralidade, criando sua própria trajetória de formação política, procurando civilizar e dignificar a condição do viver numa sociedade excludente.

Sua trajetória histórica é um exemplo de como, no interior dos movimentos sociais populares, os indivíduos passam a definir-se, a reconhecer-se a si próprios e reconhecer o outro, a agir em conjunto e a redefinir-se a partir das decisões e atividades realizadas coletivamente. Mostra, por outro lado, como sua constituição está relacionada à forma de elaboração intelectual, enquanto forma de perceber as condições socioeconômicas, político-culturais e raciais na sociedade brasileira, como também, a uma elaboração prática enquanto luta pela transformação dessas condições (Sader,1988).

Entretanto, não se pode desconsiderar que é através das referências teóricas que propiciaram sua criação, que o Ilê vai desenvolver e consolidar algumas teses sobre a necessidade da solidariedade do afro-descendente entre si, da valorização e preservação das religiões de origem africana, da afirmação de um padrão de beleza negra, da valorização e respeito à mulher negra, da construção da cidadania negra, do reforço ao auto-estima e, principalmente, do ensino da história das civilizações africanas através das suas atividades educativas, da sua linguagem musical e iconográfica.

O Ilê como um tempo e espaço educativos

As agremiações culturais negras constituem-se espaços alternativos de educação e de socialização, assumindo a pedagogia, nesses locais, uma forma de luta político-cultural cuja missão é expandir a capacidade das pessoas, construir identidades, desenvolver condutas, habilidades e destrezas que as possibilite atuar de maneira responsável, solidária, crítica e democrática na sociedade. Ora, considerando que projetos pedagógicos surgem como algo novo em meio a movimentos que objetivam a construção de uma nova sociedade, os conteúdos culturais construídos e transmitidos pelo Ilê se reportam ao conhecimento, destreza e habilidades que as pessoas usam para construir e interpretar a vida social.

Ao longo de sua história, o Ilê Aiyê, como já foi enfatizado, começou a atuar informalmente em diversas questões, sobretudo educacionais, que envolviam as crianças e adolescentes da Liberdade, bairro mais populoso de Salvador, com mais de 400 mil habitantes e a maior concentração de afro-descendente na Bahia e no Brasil.

O poder de expressão cultural do Ilê está acessível ao indivíduo afro-descendente e desempenha importante papel para a percepção de ser negro, abordando questões de cidadania do ponto de vista da esfera do cultural. A importância política do cultural reside em estabelecer cada vez mais seu predomínio como modo de existência na sociedade semiótica. Para o processo educativo do Ilê, o cultural assume um significado especial, para com o sujeito afro-descendente: a esfera cultural é por excelência uma esfera educativa.

O Bloco sempre se constituiu como um espaço educativo, produzindo conhecimento, transmitindo valores, trabalhando a auto-estima negra mediante estratégias pedagógicas canalizadas para a população em geral e, em particular, para o afro-brasileiro. A proposta de uma educação pela via da militância decorre do fato de o Ilê Aiyê institucionalizar sua própria experiência, condicionando o aprendizado acerca da politização das pessoas por meio de atos de conhecimento, nos quais são construídas lições de cidadania. Há uma outra característica marcante para a compreensão dos significados presentes na experiência educativa do Ilê. O que essa experiência tenta assegurar aos sujeitos é uma compreensão ética que permita leituras do mundo, condicionando-os a lidar coletivamente e esteticamente com seus próprios desejos, como forma de exercício de suas autonomias. Em outras palavras, o que essa educação busca é a formação de pessoas.

Trata-se de um processo vinculado ao cotidiano, às dimensões essenciais da vida, sedimentando uma postura contra a hegemonia cultural e política que se pretende dominante e, por conseguinte articulada à questão da identidade, de saber quem somos e como somos, de saber por que somos. Essa capacidade de se identificar, de se justificar e de se singularizar, ou seja, de se saber quem é, tem como lastro uma cultura que, ao mesmo tempo, que corresponde a sua realidade e se vincula à luta contra a exclusão, oferece inspiração para o desenvolvimento pessoal e coletivo, tanto no sentido da criatividade, quanto no desenho daquilo que seria desejável para o futuro.

Espaço moral importante e diferenciado, esse *quilombo moderno* (Montes,1996) se exprime numa rede complexa e fascinante de símbolos que são parte da cosmologia negra. Assim, demarca um espaço onde reinam discussões políticas, tradição religiosa

ancestral e ações educativo-culturais, que revelam e indicam posições individualizadas e coletivas. Daí porque o Bloco se institucionalizou como um espaço de reconhecimento social, onde os valores morais e tradicionais são reconhecidos e socialmente aceitos. Universo cujo espaço físico é demarcado e reconhecido. Espaço que permite a mediação política pelas ações educativo-culturais. O local do Ilê é o espaço onde o afro-brasileiro se realiza como ser humano que tem um corpo físico e, também, uma dimensão moral e social. Constitui-se num local singular permeado por uma teia de relações marcadas por muitas dimensões sociais importantes, como a religiosa, a lúdica, a político-cultural, a educativa. O importante é que ele fala por si mesmo, enquanto instituição negra.

Na diversidade, a cultura do Ilê expressa a necessidade de dialogicidade como característica humana na busca da compreensão do mundo e de sua própria ação, significando, para os indivíduos envolvidos, a cultura da cidadania, por se acreditar que os direitos comuns de cidadania se combinam com as diferenças de raça, religião e gênero. Por outro lado, no poder de unificação da ação e da representação é que a cultura desdobra ao mesmo tempo, sua forma de valor e significado, atuando como esquemas simbólicos que ordenam a ação social, tornando-a possível, fazendo-a compreensível e, portanto, comunicável. Dessa forma, na prática social educativa do Bloco, encontra-se a sedimentação de uma educação que se faz cultura, através da qual o indivíduo se educa, se forja, se torna consciente.

Não há como negar que o modelo eurocêntrico calcado em valores e interesses hegemônicos tem marginalizado e relegado outros saberes e, especificamente, o saber africano e afro-brasileiro para além do *status* de cientificidade e que isso reforça a distância do aluno afro-descendente das suas raízes, acentuando sua evasão e repetência e, por que não dizer, sua excludência da escola. Considerando essa situação, o Ilê Aiyê, no final da década de 80, inicia um processo educativo mais formal e mais sistematizado, dirigido a jovens do bairro onde está situado. É criada a “Escola Mãe Hilda”, de 1ª a 3ª série do primeiro grau e a “Escola de Percussão Banda Erê” para a aprendizagem da musicalidade. Nas salas de aula dessas Escolas, educadores criam, experimentam e aperfeiçoam um modelo pedagógico que tem como base a cultura e a história do povo negro no Brasil.

Seu projeto pedagógico é síntese de vinte e cinco anos de trabalho. É uma experiência cultural-político-pedagógica-comunitária que se articula em torno de um projeto formal e informal de educação para crianças e adolescentes de um bairro cuja maioria é descendente de africanos e cujas famílias (em muitos casos) participam da trajetória do



Bloco há alguns anos. Desta forma, procura dimensionar mais do que uma inversão de práticas educacionais e lógicas político-culturais que se pretendem dominantes, mais do que a criação de um local que procura a reconstituição e preservação da memória social do afro-descendente, objetiva construir outros modos de sociabilidade que visem novas articulações do significado da emancipação humana e da justiça social. Evidentemente, como já enfatizamos, os fundamentos que lastram o ser e o fazer do Ilê possibilitam pensar a educação numa perspectiva voltada para os interesses do afro-descendente. Com base no resgate da cultura negra produzida no Brasil por africanos e seus descendentes, relaciona a ancestralidade africana à vivência afro-brasileira enraizada na comunidade baiana. A maneira como o Ilê experimenta as condições de sua existência transparece na sua linguagem e nos seus códigos de ética que definem as formas de interação e comportamento. A convivência, a solidariedade, a troca, a vida comunitária com respeito aos mais velhos e ao bem comum, a promoção da identidade pessoal e social do educando de modo a afirmá-lo como pessoa capaz de ampliar suas potencialidades para assumir um modo de ser e viver que aceite as diferenças étnicas com autonomia, dignidade e cidadania, o reconhecimento como válidos dos sistemas de conhecimentos construídos pelo povo negro como expressa a Proposta político-pedagógica da Escola Mãe Hilda, mostram que não existe apenas no seu contexto uma reflexão sobre a educação e cultura, mas também um cuidado ético e moral que fundamenta a especificidade da concepção de educação. Mas tal cuidado é expresso em formas de discursos que, de modo algum, são indiferentes à mensagem transmitida. Assim, há nos seus princípios a recorrência à vivência dos valores perpassados pela comunidade do Terreiro Ilê Axé Jitolu, configurados numa cosmovisão que, ao buscar os valores, a história e a cultura das reconstruções africana na diáspora, imprimem a construção da consciência negra, o resgate da identidade etno-ancestral e o crescimento da auto-estima e, desta forma, a valorização da cultura popular baiana e a espiritualidade do povo negro.

Em 1995, é criado o Projeto de Extensão Pedagógica com o “objetivo de sistematizar e ampliar para as escolas públicas da Liberdade as ações educacionais que o Bloco realiza no bairro, desde sua fundação. O propósito é promover o resgate da cultura africana e suas influências no Brasil, dentro da perspectiva de uma sociedade pluricultural, a partir da identidade racial, desenvolvimento do pensamento crítico e auto-estima de crianças e adolescentes negros” (Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê-Material de Divulgação s.d). Quando da sua criação o Projeto contava com o apoio e financiamento

de nove instituições a seguir: Fundação Odebrecht, Fundação ABRINQ, UNICEF, CESE, CEAO/UFBA, Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Estadual de Educação, Grupo Ultra Brasilgás e o Liceu de Artes e Ofício.

Os fundamentos da educação do Bloco ancoram-se em argumentos sustentadores de uma educação pluricultural e conectam-se com a filosofia que fundamenta a proposta de educação cuja função básica não é propiciar aos jovens simplesmente o conhecimento escolarizado, ordenado de acordo com uma lógica disciplinar, mas capacitá-los com uma série de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que lhes permitam entender a sociedade e a cultura na qual vivem, participar delas e transformá-las. Neste sentido, o currículo empreendido procura desenvolver uma nova ação cultural tentando responder questões teórico-metodológicas, políticas e históricas sobre a sociedade que temos e a que queremos e quais valores e princípios que estão implicados nas práticas educativas para chegarmos a uma sociedade mais justa, fraterna, solidária e igualitária.

Quanto à finalidade da educação, assenta-se no compromisso em combater o preconceito, a discriminação e o racismo, favorecendo a solidariedade e o respeito aos direitos humanos, internalizando nos alunos normas morais de comportamento dentro da sociedade fazendo-os adquirir habilidades práticas, conhecimentos e destrezas e atitudes apropriadas para se desenvolver numa sociedade pluralista, desenvolver capacidade de imaginação e racionalidade para comportar-se no meio cultural, social e ambiental.

A ação educativa do Bloco tenta remover das pessoas e demover da sociedade os preconceitos e estereótipos mediante uma *discriminação positiva* (Santomé, 1995) promovendo uma ajuda às crianças e adolescentes, considerando a fato de que lhes faltaram oportunidades para desenvolverem destrezas e conhecimentos que a instituição escolar exige e valora. Isso obrigou incorporar ao conteúdo do currículo a história e a cultura da população negra, enfatizando uma análise mais profunda dos porquês da opressão e marginalidade e do racismo e preconceito existentes em nossa sociedade. Desta forma, o discurso educacional do Bloco procura fazer com que a população afro-baiana e, particularmente, os jovens que participam dos seus projetos compreendam as inter-relações entre os preconceitos, falsas expectativas e condições desumanas das populações marginalizadas com as estruturas políticas, econômicas e culturais da nossa sociedade. Pondo em prática uma *pedagogia crítica e libertadora* (Freire, 1982), o Ilê procura discutir de forma crítica as experiências, estratégias e valores dos grupos oprimidos e, particularmente, da população afro-brasileira, assim como, as estruturas

sociais que as oprime com o intuito de elaborar estratégias e linhas de atuação, que possibilitem redescobrir a história da escravidão e recuperar a *voz perdida* institucionalizada na luta dos movimentos negros.

Assim, sua estratégia político-educativa caracteriza-se principalmente pelo esforço em contrapor às imagens negativas, falsas que são vinculadas sobre o afro-descendente por imagens positivas, verdadeiras, dentro de uma representação, tornando visíveis as relações de poder envolvidas nesse processo de representação. A seleção do currículo, os recursos e as experiências cotidianas de ensino e aprendizagem que caracterizam as práticas educativas promovem a construção de conhecimento, destrezas, atitudes, crenças, normas e valores necessários para ser cidadão numa sociedade que exclui o povo negro. Representam o reconhecimento e a valorização de um horizonte de significação que ‘vem de dentro’, isto é, gestado no interior de suas práticas socioculturais, ancorado em valores políticos, princípios ético-morais e saberes que revelam a singularidade de um agir social. Configura-se como uma pedagogia de ação cultural que comporta uma proposta educativa de emancipação social.

O caminho da prática educativa do Ilê é um ato de conhecimento na medida em que as práticas discursivas são construídas através dos *saberes adormecidos* (Foucault, 1984) que cumprem despertar para que possam de novo falar. Neste sentido, sob os saberes estabelecidos e apesar deles, ouve-se um outro discurso, mais profundo, que lembra o tempo da escravidão, porém reescrito sob o jogo das distinções bem determinadas, pondo em escuta outra linguagem, aquela da palavra e do discurso da diferença. Abre-se entre eles um espaço de um saber no qual, por uma ruptura, a questão não é mais da similitude, mas das identidades e das diferenças. A maneira como o Bloco experimenta as condições e dificuldades de sua existência transparece na sua linguagem e nas suas formas de comportamento bem como nos seus objetivos, que visam perpassar e preservar conceitos básicos e valores da cultura negra, através de atividades e experiências de educação e socialização quanto ao domínio de conhecimentos, criação de habilidades e formação de atitudes positivas que assegurem ao educando a competência para aprender a discutir e compreender a realidade natural e social, para transformá-la a partir do aprendizado construído, valorizar e interagir com a cultura africana e afro-brasileira, portanto, reaproximando-se das suas próprias origens etno-ancestrais no sentido de construir a identidade pessoal e social com estima e confiança, reconhecer e valorizar o trabalho do afro-descendente na construção e no desenvolvimento da sociedade brasileira.

Ao abrir espaço para outras expressões culturais, historicamente reprimidas, o Ilê não somente questiona o cânone europeu, mas estabelece um diálogo entre arte e cultura, trazendo à tona o que está recalcado e, assim, desenvolvendo o espírito de resistência e de luta por direitos iguais. As ações educativo-culturais desenvolvidas além de servirem de base para o consumo individual, também sedimentam uma base de consumo coletivo reconhecida pelo seu valor instrumental. É por demais evidente o quanto às pessoas têm vergonha de ser negras, de preservar seus usos, costumes, tradições e praticar sua religiosidade, além de sentirem-se feias e terem como padrão estético o branco. Por outro lado, procuram exercitar plena e criticamente a cidadania de afro-brasileiro instituindo-a como vivência participativa dos direitos e deveres civis e sociais. Estrategicamente, usando fontes de informação e recursos diversos para produzir conhecimentos e legitimar saberes, institucionalizam posturas antidiscriminatórias e anti-racistas, contribuindo, desta forma, para a construção de uma sociedade multirracial e pluricultural. Estão, também, relacionadas a uma lógica simbólica que expressa um valor cultural profundamente arraigado e reafirmado pelo poder de significar seu próprio espaço em termos da experiência de algo vivido. Assim, legitimam um lugar para a elaboração coletiva das experiências de vida individual e social do afro-descendente através de atitudes críticas no âmbito das relações sociais.

O projeto cultural-educativo do Ilê tem sua atuação no entorno do bairro da Liberdade, mas serve de referência para o conjunto da sociedade baiana e brasileira, e essa forma de solidariedade volta-se para o futuro, apesar de estar ancorada na história do passado, da diáspora africana no Brasil. A proposta do Ilê é plural no sentido de que está sintonizada com uma educação pluricultural<sup>2</sup> num espaço-tempo de socialização e individualização, de cultura e de construção de identidades. Seu projeto pedagógico foi construído tendo em vista um espaço e tempo educativo-cultural em que participam crianças e adolescentes e adultos, onde se socializam e se formam.

Vale a pena acrescentar que as atividades pedagógicas desenvolvidas pelos blocos afros não apenas se restringem às atividades no contexto da sala de aula. No caso específico do Ilê Aiyê, durante todo o ano é realizada uma série de eventos, alguns ligados à própria atividade do Bloco e outros comemorativos de datas significativas para a

---

<sup>2</sup> O termo educação pluricultural neste estudo está sendo compreendido como uma prática que serve ao objetivo de compreender e atender a pluralidade interna da cultura e estimular hábitos mentais e atitudes de abertura para com outras culturas com vistas a uma escolarização que favoreça a igualdade de oportunidades e o reconhecimento das diferenças. Assim sendo, vincula-se à pretensão de uma educação para a democracia e a tolerância num mundo cada vez mais plural.

população afro-descendente e também de louvor à cultura negra. Todos eles incorporam um caráter de uma ação social que reforça a identidade étnica e comunitária através de um processo que enaltece o lúdico como prática educativa que possibilita uma aprendizagem de valores, comportamentos e atitudes incorporados na cultura negra. Assim, o calendário de eventos se inicia em junho com os Ensaio pré-carnavalescos do Bloco, passando pela Semana da Mãe Preta, atividade cultural presidida pela matriarca Mãe Hilda e organizada pelo Conselho de Mulheres do Ilê, que conta com um ciclo de palestras e debates sobre temas ligados à condição da mulher negra na sociedade; o Novembro Azeviche, quando são comemoradas as datas significativas para o Bloco a exemplo do dia da sua fundação, o Dia da Consciência Negra, a independência de Angola, a Revolta da Chibata e o Wa Jeun, ou seja, uma noite instituída em homenagem à culinária africana. Já em dezembro ocorre o Festival de Música Negra do Ilê, festival este onde são escolhidos as músicas e o tema do carnaval do ano seguinte, sendo considerado o maior do gênero no País e aberto à participação de compositores e músicos brasileiros e finalmente o Dia da Beleza Negra quando é escolhida a rainha do Bloco, isto é, a Deusa do Ébano, e quando são apresentadas todas as suas atrações: grupos de dança, ala de canto, a indumentária colorida, enfim, o mundo negro (Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê-Material de Divulgação do Ilê- 25 Anos de Resistência s.d).

Desse modo, a intervenção pedagógica do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê tem, entre seus objetivos, a internalização/construção nos educando e educadores de duas ações pedagógicas significativas: a da socialização e a da individualização. A primeira está implicada num conjunto de atividades socialmente estabelecidas e regulamentadas decorrente de atitudes, valores e crenças, cuja finalidade é ajudar ao educando a assimilar idéias, conceitos e habilidades e se apropriar destes. Já a individualização lhe possibilita desenvolver-se como pessoa com peculiaridades específicas, tornando-se capaz de auto-representar-se e atuar como agente de mudança e de criação cultural. Isto pressupõe negociação de significado, e ressalta o modo como estes são compartilhados por educadores e educandos.

A análise dos dados permitiu conclusões sobre a relação trabalho educativo e construção de pessoa, bem como a discussão do pressuposto orientador desse estudo, formulado nos seguintes termos: a luta do Bloco Ilê Aiyê pela incorporação de práticas pedagógicas que levam em consideração uma pluralidade de linguagens, as quais buscam a construção de um saber e um corpo de conhecimento integrado aos diversos

setores da vida humana, visam a construção de pessoa mediante a reelaboração de atos reflexivos da pessoa consigo mesma, isto é, do orgulho de ser negra, de fortalecer a segurança pessoal, de enaltecer sua auto-estima enfim, de se representar conscientemente como pessoa negra.

Concluimos que o desenvolvimento do seu currículo emancipatório tem como referência um ensino significativo que permite ao educando estabelecer correlação entre seus próprios valores e compromissos e aqueles estabelecidos pela sociedade, ajudando-o, assim, a obter informações e desenvolver competências para compreender a realidade que o circunda, fazer conexões entre os fatos, conteúdos, formas, e a entender que os novos significados adquiridos nas práticas educativas assegura-lhes se afirmar e se reconhecer como afro-descendentes. Não resta dúvida, que a inovação da ação pedagógica desenvolvida é resultante de um ousar na escolha de conteúdos e procedimentos que permitem extrair lições da prática e buscar na teoria melhor orientação para essa prática. Uma abordagem curricular que tenha isso em conta, ao trabalhar com determinados eixos temáticos, possibilita ao educando clarificar concepções, crenças e atitudes presentes e ausentes nas práticas educativas da escola formal. Assim, os conceitos construídos pela prática curricular formal da escola são substituídos ou reformulados, sendo ensinado um novo conteúdo impregnado e fortemente influenciado pela concepção de mundo atribuída pelo discurso do movimento negro, onde são consolidadas estratégias para uma representação mais adequada do educando.

#### Referências Bibliográficas

ARAUJO, Maria do Carmo. **Festa e resistência negra: o carnaval no contexto dos Blocos Afro Ilê Aiyê e Olodum em Salvador BA.**1996. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraiba, João Pessoa, PB,1996.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL BLOCO ILÊ AIYÊ . **Material de Divulgação: 25 anos de Resistência.** Salvador Ba: Ilê Aiyê, s.d.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL BLOCO ILÊ AIYÊ . **Material de Divulgação.** Salvador Ba: Ilê Aiyê, s.d.

BACELAR, Jeferson. **Etnicidade: ser negro em Salvador.** Salvador: Ianamá, 1989.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MONTES, Maria Lúcia. Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva. (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Universidade de São Paulo; Estação Ciência; Edusp, 1996.

RISÉRIO, Antonio. **Carnaval ijexá**: notas sobre afoxés e blocos do novo carnaval afrobaiano. Salvador: Corrupio, 1981.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970/1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da . (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Coleção Estudos Culturais em Educação). p.159-189.

SERPA, Luiz Felipe Perret. **Ciência e historicidade**. Salvador: FAGED Mestrado em Educação/ UFBA, 1991.